



Opereta satírica
não era
apresentada em
público desde o
ano de 1879

Opereta “Maria da Fonte” volta aos palcos, quase 150 anos depois

Composição de Augusto Machado estreia hoje no CCB, com novo libreto e encenação de Ricardo Neves-Neves

Patrícia Neves
cultura@jn.pt

MÚSICA “Todas as mulheres são Maria da Fonte”, ressalta ao JN Ricardo Neves-Neves, encenador e autor do novo libreto da opereta em três atos com o mesmo nome que chega hoje, às 17 horas, ao Grande Auditório do Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

Quase século e meio após a estreia, uma obra histórica, encontrada com partitura mas sem texto, sobre uma personagem com tanto de mítico como de atual,

volta a ganhar vida. Com direção musical do maestro João Paulo Santos e música pelo Coro do Teatro Nacional de São Carlos e Orquestra Sinfónica Portuguesa, a opereta cómica baseia-se no enquadramento da revolta popular de Maria da Fonte, também conhecida como Revolta do Minho.

Na primavera de 1846, depois do Governo de Costa Cabral anunciar novas normas de recrutamento militar dos jovens, impostos e a proibição de enterros nas igrejas, uma revolta terá sido iniciada na Póvoa de

Lanhoso por uma mulher, cuja existência específica não é certa; o que nunca impediu a prevalência do mito e a criação de romances, estudos, estátuas, músicas sobre ela, ou o episódio.

Maria da Fonte seria uma mulher da região, da zona de Fonte Arcada, que liderou a rebelião rural que depois se disseminou, acabando por levar à queda do Governo. Mas poderá ser sobretudo um símbolo do que aconteceu, ali e noutros momentos, de luta pela justiça. Certo é o preponderante papel feminino, de uma

TOUR

Depois de Lisboa, segue-se o Minho no próximo ano

“Maria da Fonte” é uma comédia em três atos, interpretada por oito solistas: Cátia Moreso, Luís Rodrigues, Marco Alves dos Santos, Inês Simões, Eduarda Melo, André Henriques, João Merino e Tiago Matos, acompanhados de 11 atores.

No Centro Cultural de Belém, a opereta vai poder ser vista hoje, às 17 horas, e na terça-feira, às 10.30 horas, numa sessão direcionada para as escolas, mas também, segundo o CCB, para pessoas seniores, surdas, cegas ou com baixa visão.

Em 2024, a peça rumará ao Norte. “No dia 7 de abril irá à Póvoa de Lanhoso, embora não consigamos fazer o espetáculo na íntegra, só o concerto. A 13 de abril estará em Fafe, versão completa”, diz Neves-Neves. Quanto ao Porto, não há para já nada planeado.

ou várias ‘Marias’, naquele evento histórico.

“Nos documentos publicados que li, surgem três ou quatro nomes que poderiam ser a Maria da Fonte, mas depois percebe-se que não existe uma evidência concreta de que ela é uma certa mulher. Portanto, o que interessa é mais o símbolo”, explica-nos o encenador – ainda que na opereta ela, de facto, exista.

OBRA RECUPERADA

“Maria da Fonte” é a segunda obra recuperada pelo Laboratório de Ópera Portuguesa, criado em 2022 e sediado no CCB. A opereta satírica foi escrita por Augusto Machado, a partir do libreto de Batalha Reis, Gervásio Lobato e João Francisco de Eça Leal e estreou no Teatro da Trindade em 1879.

Se das partes musicais, ou partituras, de Augusto Machado, muito se aproveitou – doadas pela bisneta do compositor à Biblioteca Nacional – já o libreto foi dado como perdido. A recuperação do texto ficou por isso a cargo de Neves-Neves, que também fez adaptações aos tempos modernos. “O mais precioso do projeto é a recuperação deste material que estava perdido”, conta o en-

cenador. “Agora, depois de conhecer a música, é doloroso perceber que ela é muito impressionante, mas que esteve em cena apenas uns dias, em 1879”, frisa.

Nesta reconstrução, as primeiras pistas foram críticas sobre o espetáculo original. “Quando procurámos, foi encontrada a partitura toda desarrumada, mas com organização do mestre João Paulo Santos. Do libreto só existem as partes cantadas, escritas na partitura. As faladas não existem, ou se sim não se sabe onde”, adianta.

Ao rescrever estas partes, o desafio foi “perceber onde existe a comédia numa revolta popular que depois teve uma repercussão muito séria que continua a ser inspiradora”, conta. “Mas logo que ouvi a música percebi que é tudo contado num tom de brincadeira, mais leve”.

Na opereta, tudo começa com a vida na aldeia, num ambiente minhoto, com “pessoas numa festa, ente a rua e as tabernas, amores e desamores, encontros e desencontros, ciúmes”. Depois “entra numa fase mais caricatural do poder, das secções sociais”. As intrigas e maranhas originais não se perderam na recuperação. ●